

MUTOLA: A HEROÍNA DAS ASAS DE ÁGUA

Verônica Macena (UNIGRANRIO)

veronica.macena@yahoo.com.br

Vanessa Ribeiro Teixeira (UNIGRANRIO)

RESUMO

As Andorinhas (2009), trilogia de narrativas curtas da escritora moçambicana Paulina Chiziane, traz entre os seus escritos o conto "Mutola", uma releitura ficcional da vida de Maria de Lurdes Mutola, personalidade marcante para a cultura e a história moçambicanas. Através da transcrição da persona Maria de Lurdes na personagem Mutola, Paulina problematiza as relações entre os universos feminino e masculino dentro da sociedade moçambicana, tradicionalmente machista. Mutola se torna uma espécie de heroína da recente história do país ao participar dos Jogos Olímpicos de Sidney, na Austrália, nos anos 2000 e conquistar a Medalha de Ouro nos 800 metros rasos. O presente trabalho tem como premissa analisar a reconstrução literária dessa desportista, tornada ícone histórico e estância ficcional. A narrativa de Paulina transforma a história de Mutola num espaço para discutirmos as interpenetrações entre literatura e história, as complexidades das relações de gênero e as singularidades culturais da sociedade moçambicana.

Palavras-chaves: Mulher. Opressão. Moçambique. Superação. Paulina Chiziane.

1. Introdução

Não é segredo o fato de a mulher ter sido, ao longo dos séculos, sistematicamente subjugada às moralidades e sociabilidades articuladas de forma a garantir a “soberania masculina”. Entre os séculos XVI e XVII, por exemplo, as projeções sobre o papel da mulher colonizada/escravizada conjugavam-se, perversamente com as prerrogativas coloniais, visto que “[o] modelo escravagista de exportação vincava as relações de gênero”. O pacto colonial associava a exploração da terra à exploração do corpo feminino. A escassez de mulheres europeias nos territórios explorados, seja nas Américas, na África ou na Ásia, favorecia à licenciosidade sexual, com a exploração das nativas. A mulher sempre ocupou a posição de elemento passivo, subalterno, fraco, inferior e destituído de poder na área pública, sob o domínio de uma sociedade machista, desde os tempos mais remotos.

As mulheres brancas que chegaram ao país [Brasil] durante a Era Colonial mantiveram o arquétipo de Maria – eram assexuadas e viviam restritas aos limites da casa ou da Igreja. [...] eram treinadas para o casamento, que envolvia cuidar da casa, criar os filhos e tolerar as relações extramatrimoniais do marido com as escravas. (GIORDANI, 2006, p. 66)

Com o passar do tempo, pouco mudou. Até o ano de 1830, aos homens era facultado o direito de matar as mulheres adúlteras e corrigir as esposas com “más manhas” por meio do uso da chibata. As mulheres eram submetidas a um processo de “adestramento”, que envolvia lições moralistas disseminadas por atores, pregadores e confessores, os quais discursavam sobre padrões ideais de comportamento.

Por seu turno, o discurso médico sobre o funcionamento do corpo feminino era um instrumento utilizado para a “domesticação” da mulher:

Este apoiava o discurso religioso, que asseverava a função natural feminina para a procriação. Assim, a mulher era valorizada apenas dentro do território da maternidade (...). As mulheres incapazes de engravidar a partir do coito eram tidas como *malditas infecundas*. (GIORDANI, 2006, p. 67)

Esta era a caótica condição de ser e estar mulher. A diferença entre os sexos era atravessada por uma visão biológica, religiosa e cultural. Vivendo sob diversos níveis de subordinação e opressão até os dias atuais, a mulher ainda é um projeto em construção:

As “identidades” flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras inflamadas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas. Há uma ampla probabilidade de desentendimento e o resultado da negociação permanece eternamente pendente. (BAUMAN, 2004, p. 19)

Infelizmente, a identidade feminina imposta por uma sociedade machista é a realidade vivida em muitas culturas, resultando na anulação da identidade escolhida pela própria mulher. Consequentemente, o sujeito feminino torna-se objeto, passando a viver não como é, mas sim como a sociedade impõe que seja.

2. A ficcionalização da história

Atleta moçambicana, Maria de Lurdes Mutola nasceu em Maputo a 27 de outubro de 1972. Oriunda de uma família humilde, a sua preferência desportiva foi inicialmente o futebol, mas acabou por optar pela corrida.

Aos 15 anos participou nos Jogos Olímpicos de Seul de 1988 e, em 1993, venceu, em Estugarda, o título mundial dos 800 metros. Em 1995 foi campeã mundial de pista coberta, na prova dos 800 metros, em Barcelona. No ano seguinte, nos Jogos Olímpicos de Atlanta, ganhou a primeira medalha olímpica para Moçambique, ao terminar a prova dos 800 metros em terceiro lugar. Em 2000, na sua quarta participação em

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Olimpíadas (Sydney, Austrália), ganhou a Medalha de Ouro na mesma modalidade, a primeira para uma atleta moçambicana.

Mutola não parou. Em 2001 conquistou o título mundial em Edmonton, no Canadá. O ano de 2003 foi igualmente rico em vitórias, tendo conquistado vários títulos, como, por exemplo, o de campeã mundial dos 800 metros em pista aberta e coberta (no Canadá e em Portugal, respetivamente); o de vencedora dos *meetings* de atletismo, em 800 metros, ocorridos em Espanha, Suíça e EUA; e o de vencedora do *meeting* de Paris, nos 1000 metros em pista aberta.

Em março de 2004, a atleta voltaria a vencer mais uma final dos 800 metros, desta vez no Campeonato Mundial de Atletismo Indoor, realizado na Hungria.

A campeã olímpica e mundial dos 800 metros recebeu, do governo moçambicano, a mais alta condecoração nacional - a medalha Eduardo Mondlane de Primeiro Grau -, numa cerimónia realizada em dezembro de 2003.

Mutola é o título do último conto da trilogia *As Andorinhas*, da escritora moçambicana Paulina Chiziane, que recria a velocista como personagem de ficção. Paulina retrata a árdua trajetória desta heroína para alcançar seus sonhos e faz uma relação entre literatura e história, entre texto e contexto.

Essa proximidade não é mimética, isto é, não se trata de ver a obra como uma cópia do real, mas de perceber a correlação entre a palavra e a sociedade que a pronuncia.

O conto inicia-se com uma espécie de parábola: a “estória” de uma águia que fora criada e educada como uma galinha e se comportava como tal, comendo a comida dos patos. Aos olhos do seu dono, nunca iria voar.

Um biólogo passou por ali e exclamou: Uma águia na capoeira de galinhas? Era uma águia, mas transformei-a em galinha apesar de todo o seu tamanho – respondeu o dono da capoeira, muito vaidoso. Não, responde o biólogo. Uma águia é uma águia. Nasceu para governar o mais alto dos céus. Esta? Nunca mais voará! (CHIZIANE, 2012, p. 89)

Diante daquele cenário, surge uma discussão e até mesmo uma aposta entre o biólogo e o dono da “águia-galinha”. O estudioso tenta conscientizar o dono da ave de que a mesma precisava ser estimulada para voar, ao contrário de ter sua essência modificada. Inconformado com a

condição de vida da águia, o biólogo começa a incitar a ave ao voo, um processo é longo e difícil. Porém, na última tentativa de fazer a águia voar, já desanimado e quase abandonando o seu intento, o homem das ciências toma uma atitude mais radical, obrigando a ave a confrontar o sol. Diante do astro-rei, clama para que o animal abra suas asas e voe. O desfecho, tão emblemático quanto impressionante, leva a águia a rebelar-se contra a sua postura de galinha, abrindo as suas asas e lançando-se a um voo bastante subido, até desaparecer no horizonte:

O biólogo, erguendo a pesada ave, disse: - Águia, águia, abre as tuas asas e voa. A ave olhou para todos os lados. Viu o farelo e as galinhas a debicar. Voltou para o chão e continuou a sua vida de galinha. O dono afirmou, contente: Viu? O biólogo teimou. Fizeram a experiência mais três vezes e nada! Na quinta tentativa, o biólogo obrigou a ave a confrontar o sol enquanto implorava: - Águia, águia, abre as tuas asas e voa! A ave real abriu as asas e lançou-se no voo, subiu, subiu, até desaparecer no horizonte. As águias, como as andorinhas, são filhas da liberdade. (CHIZIANE, 2012, p. 89-90)

Encerrada a parábola, começa a história da menina Lurdes. Criticada por suas próprias amigas, que comungam de uma visão conservadora sobre o que significa ser mulher, Lurdes revela sonhos e ambições distintos e contrários àqueles alimentados pelas demais moças da sociedade em que vive. Pouco preocupada com o que lhe é imposto - cuidar de seu corpo, concluir um curso de culinária, aprender boas maneiras enquanto espera um noivo para casar e ter filhos, ou seja, estereótipos sexuais -, Lurdes busca a realização dos seus sonhos.

As andorinhas, correndo às voltas no céu, me inspiram. Atrás de uma bola no revaldo, sinto-me a voar na conquista do mundo. Vou inscrever-me num clube de futebol. Que mal há nisso? [...] deixem-me realizar os meus sonhos e seguir a minha estrada. (CHIZIANE, 2012, p. 91)

Ingressar em um time de futebol masculino e ser a única a marcar gols durante uma partida, levando seu time à vitória fez com que Mutola vivenciasse uma situação paradoxal: a alegria da conquista e a tristeza da rejeição.

Pobre Lourdes. Sofreu a pressão das mulheres. Suportou com dureza a exclusão dos homens, que elegantemente a afastaram em nome da lei. Foi discutida em reuniões magnas, onde só entravam os Homens de fato e gravata, discutida nos encontros dos bares, pelas mulheres dos mercados, por jornalistas, comentaristas, desportistas, que só falavam do seu caso. Mais difícil ainda deve ter sido ouvir o caso propalado aos quatro ventos, pelo jornal, rádio, televisão. (CHIZIANE, 2012, p. 93)

A jogadora torna-se vítima da opressão, repressão, machismo, preconceito, ridicularização e inferiorização por parte de uma sociedade abalada por transformações político-sociais.

3. *Águia: uma alegoria de conquista e vitória*

Assim como a águia citada no início do conto, Lurdes encontra um homem que reconhece a sua verdadeira identidade, valor e potencial, os quais foram ofuscados por uma cultura cega.

Menina tu és um monumento. O teu lugar é entre os deuses. Na altura, ela não percebeu nada. Então o homem a levou para longe da equipe e disse: Menina, tu és uma águia! Tu pertences ao céu e não à terra. Abre as tuas asas e voa! (CHIZIANE, 2012, p. 93)

Símbolo de força e superação, esta ave, dotada de uma admirável beleza, possui várias qualidades, dentre elas, a capacidade de voar acima das tempestades. E era exatamente isso que Lurdes precisava entender e ver em si mesma para depois ser vista por outros: a capacidade de mudar a história da sua vida e alçar voos mais altos. Em outras palavras, era necessário romper com o passado, vencer os medos e usar a força para seguir em frente, em busca da liberdade, do sonho outrora frustrado.

Assim como a “águia-galinha”, Lurdes precisava abandonar seu “cativeiro”, despir-se da roupa de “galinha” que lhe foi imposta e voar como águia em direção à liberdade.

Ela olhou pra todos os lados e estremeceu, invadida pelo medo das alturas. E não voou. Voltou a experimentar, com o olhar fixo no dourado solar. Concentrou-se e lançou-se no voo. Subiu, subiu, e se colocou um ponto invisível além do horizonte. Ela era, afinal, uma águia de ouro. (CHIZIANE, 2012, p. 94)

Finalmente a águia voou, deixou o clube “Águia d’Ouro”, onde os homens se comportavam, na verdade, segundo a voz narrativa, como “galinhas macho”. (CHIZIANE, 2012, p. 94)

Maria de Lurdes Mutola conquistou muitos títulos e é conhecida também como a Ungida dos Deuses, a Águia de Ouro. Suas vitórias não representam apenas uma conquista pessoal, mas também nacional, pois foi a primeira mulher moçambicana a ganhar uma medalha de ouro em uma Olimpíada, bem como outros títulos importantes para sua carreira e para a história da nação moçambicana:

Obrigado Mutola, que encarnaste o espírito de Mondlane, e te lançaste no voo da águia! Das tuas asas de águia teceste o Chitlango (escudo de defesa) que nos elevou ao mais alto do Zulwine, onde a morte não existe. Ungiste o corpo e a alma do nosso povo com m'tona (óleo de mafurra), óleo sagrado do Olimpo. Obrigado, Mutola, águia dos deuses! (CHIZIANE, 2012, p. 95)

A mesma nação que um dia a rejeitou, agora a aplaude e agradece, reconhecendo que sua atitude é um exemplo, uma lição de vida, uma inspiração para o povo moçambicano.

4. Considerações finais

“Mutola” é um conto que possui vários temas, porém a autora Paulina Chiziane enfatiza a heroicidade e dialoga com a história. Com isso, a literatura esmera-se em construir pontes com a História, sobretudo no que tange à experiência colonial. Portugal e Inglaterra – país colonizador da vizinha África do Sul – deixaram marcas que servem para que o presente e o futuro da nação moçambicana sejam (re)elaborados à luz dos estudos culturais. Em última instância, podemos afirmar que o conto é eficaz em discorrer sobre o papel da mulher na contemporaneidade. De uma posição subalterna ao longo da história, ela se tornou agente não apenas de transformação social, mas uma das muitas maneiras de se pensar e imaginar o próprio conceito de nação.

Paulina Chiziane é uma escritora que expressa claramente a necessidade de se escrever a história do seu povo e viabilizar um "status" que, merecidamente, resgata e reafirma a importância dos estudos do gênero. A autora reconheceu também que a literatura moçambicana está a registrar progressos, mas que ainda há muito por ser feito, sobretudo no que diz respeito às histórias que melhor identificam os moçambicanos. “A literatura moçambicana está a andar, mas tem que crescer”, referiu Paulina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- CHIZIANE, Paulina. *As andorinhas*. Belo Horizonte: Nandyala, 2012.
- GIORDANI, Ancecy Tojeiro. *Violências contra a mulher*. São Paulo: Yendis, 2006.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

MOÇAMBIQUE, Portal do Governo. Disponível em:

<<http://www.portaldogoverno.gov.mz>>. Acesso em: 10-12-2014.

MUTOLA, Maria. Disponível em: <[http://www.infopedia.pt/\\$maria-mutola](http://www.infopedia.pt/$maria-mutola)>. Acesso em: 10-12-2014.